

O ensino de música na Escola de Aplicação da UFPA: olhares por meio do Estágio Supervisionado.

Modalidade: Pôster

Darleanne Silva Lacerda
Universidade Federal do Pará
darllysilva.lacerda@gmail.com

Lucas Ferreira da Silva
Universidade Federal do Pará
lfdsof@gmail.com

Resumo: O presente relato descreve as experiências vivenciadas pelos discentes do curso de Licenciatura Plena em Música, na Universidade Federal do Pará, por meio da disciplina de Estágio Supervisionado II. O estágio ocorreu na Escola de Aplicação da mesma, sendo observados alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, durante os meses de outubro e novembro de 2017. Durante o período, as experiências foram relacionadas aos conteúdos já abordados em outras disciplinas, sendo geralmente debatidas com os professores das classes ao final. O Estágio Supervisionado mostrou-se uma experiência valiosíssima para o crescimento enquanto profissionais da educação promovendo reflexões a respeito dos conteúdos e metodologias utilizadas, bem como servindo de ideias para atividades futuras.

Palavras-chave: Educação Musical; Estágio Supervisionado; Escola de Aplicação da UFPA

Introdução

Não é incomum que se escute relatos de estudantes insatisfeitos com os métodos de ensino-aprendizagem aplicados por educadores, especialmente em sala de aula de educação básica. Fato que não é exclusivo de alguma etapa específica do processo de formação de um indivíduo se configura como uma realidade latente e um problema que se faz presente no sistema de ensino brasileiro em suas várias modalidades.

Uma das formas que foram pensadas para que se consiga reverter esse quadro de insatisfação com as aulas, que somado a outros fatores, culmina na má formação dos alunos, foi a proposta de modificar os cursos de ensino superior em todas as universidades do país.

Para tal, julgou-se necessário que todos os estudantes de graduação de qualquer licenciatura passassem por uma experiência real de ensino, na qual pudessem interagir com a sua provável profissão de educadores ainda nos seus períodos de formação institucional nas graduações. Essa experiência se constitui no Estágio Supervisionado, que tem suas diretrizes asseguradas de acordo com a Lei de nº 11.788/08, segundo o art. 1º:

Estágio é o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008, p 03).

Como deixa bem claro o art. 1º dessa lei, o estágio visa à preparação para o trabalho produtivo, ou seja, possibilita o contato com a profissão ainda antes de exercê-la de fato e de maneira que se possa aprender gradativamente sem ter a inteira responsabilidade pelo trabalho - no caso do educador, responsabilidade total sobre os alunos e a sala de aula. Isso é muito importante na medida em que acaba com o ingresso de profissionais da educação graduados que nunca passaram pela experiência de sala de aula, o que é muito benéfico para os estudantes.

Além do mais, o graduando que passa por essa disciplina tem a oportunidade de aprender com alguém mais experiente vivenciando a prática em tempo real, observando as técnicas do professor e o retorno dos alunos em relação a essas técnicas a partir de uma perspectiva privilegiada.

O estágio é parte fundamental para a formação em qualquer área. É o momento em que o aluno vivencia experiências que, somente na graduação, não seriam possíveis. São colocados em prática seus conhecimentos, competências e habilidades adquiridas durante o curso. O estágio também deve ser considerado como uma oportunidade para os alunos se interessarem pela pesquisa, ampliando a qualificação profissional.

No curso de Licenciatura Plena em Música da Universidade Federal do Pará, o estágio ocorre durante os quatro últimos períodos do curso, e é dividido em duas partes: dois períodos de observação, e dois de atuação. Acreditamos que a maioria dos cursos de licenciatura seguem este padrão, dessa forma, “entende-se o estágio como um dos componentes

curriculares de maior peso nesses cursos e, conseqüentemente, na formação do professor” (BONA, 2013, p. 29)

Neste trabalho, será relatada a vivência que os alunos do curso de Licenciatura em Música tiveram durante a disciplina de Estágio II que ocorreu na Escola de Aplicação da UFPA - EAUFPA durante os meses de outubro e novembro de 2017. Este estabelecimento possui o ensino de todos os níveis, desde o Maternal até o Ensino Médio. Possui uma boa infraestrutura e conta com além das aulas de Música, aulas de outras Artes, sendo que para cada uma há um profissional adequado da área.

Dessa forma, a escola dispõe de um espaço muito propício à educação musical. A educação infantil possui uma sala ampla com instrumentos e materiais, o que geralmente não ocorre na maioria das escolas públicas. Além disso, por ser vinculada à Universidade Federal do Pará serve como campo de estágio para diversos cursos, possuindo inclusive uma coordenação específica para lidar com os estagiários.

Foram observadas quatro turmas, sendo duas delas de Ensino Infantil (4 a 6 anos) e duas de Ensino Fundamental I (8 a 10 anos), no período matutino, refletindo a respeito de como a Educação Musical se dá na Educação Básica, os caminhos e recursos utilizados pelos professores em sala e a importância dessa vivência para a formação dos Licenciandos em Música.

O Ensino Infantil

O ensino musical nas escolas regulares ainda enfrenta muitos obstáculos, pois não o pode confundir com algo descompromissado, de lazer ou passatempo, porém não deve ser aprisionada como história da música (KATER, 2012), deve haver um equilíbrio, explorando o que de melhor a música pode ajudar no desenvolvimento dos alunos conforme a faixa etária.

Algumas razões são importantes para justificar a inserção da educação musical no currículo escolar. Sobre isso, Ilza Zenker Leme Joly destaca algumas dessas razões:

[...] o desenvolvimento das sensibilidades estéticas e artísticas, o desenvolvimento da imaginação e do potencial criativo, um sentido histórico da nossa herança cultural, meios de transcender o universo musical de seu meio social e cultural, o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor, o desenvolvimento da comunicação não-verbal (2003, p. 117).

Ainda sobre isso, Gohn e Stavracas (2010, p. 87) justificam que:

O trabalho com a musicalização infantil proporciona o desenvolvimento da percepção sensitiva quanto aos parâmetros sonoros – altura, timbre, intensidade e duração –, além de favorecer o controle rítmico-motor; beneficiar o uso da voz falada e cantada; estimular a criatividade em todas as áreas; desenvolver as percepções auditiva, visual e tátil; e aumentar a concentração, a atenção, o raciocínio, a memória, a associação, a dissociação, a codificação, a decodificação etc.

As turmas de ensino infantil tinham, em média, 10 a 15 alunos e as aulas duravam 50 minutos. Esse curto tempo de duração das aulas foi justificado pelo professor responsável da sala como única forma de manter o interesse das crianças para com as atividades de música, já que elas facilmente se dispersam e não conseguem manter a concentração em uma mesma atividade por mais tempo que isso.

Na realidade, a concentração delas durava menos tempo e, justamente por isso, as aulas normalmente eram divididas em três momentos distintos – o professor inclusive se utilizava da possibilidade de fazer diferentes atividades em ambientes diferentes dentro da mesma sala, sempre pensando em mantê-las alertas. As aulas sempre iniciavam com o que o professor chamava de prática de ensaio, seguindo para uma atividade de percepção e por fim, o momento de desenho, que era geralmente relacionado às atividades anteriores.

O repertório ensaiado com as crianças, era de músicas natalinas, já pensadas para a apresentação no mês de dezembro. O professor tocava a melodia no piano e pedia para as crianças primeiro ouvirem e reconhecerem qual era a música, e somente em seguida elas cantavam. A música era repetida conforme a necessidade das crianças. Em algumas, elas apresentavam dificuldades quanto à fixação das letras, então o professor fazia o “jogo do espelho” em que ele falava ou cantava as frases e as crianças repetiam.

Algumas vezes, as crianças dançavam e batiam palmas enquanto cantavam, porém, as palmas não eram no pulso da música, e sim na divisão rítmica, isso demonstrou a facilidade que as crianças têm quando ao ritmo. “As crianças realizam movimentos corporais de maneira natural, e também de forma espontânea colocam ritmo nas atividades que realizam e lhes dão prazer, numa integração entre gesto, som e movimento” (GOHN e STAVRACAS, 2010, p. 96).

No primeiro dia observado, a atividade após o ensaio foi a leitura de uma história com o tema “som e silêncio”. A história falava sobre a perspectiva de duas crianças, uma que ouvia e outra surda. Durante a narrativa, as crianças reproduziam os sons que o professor descrevia e ficavam em silêncio quando era necessário. Para GOHN e STAVRACAS (2010, p. 86) “a música é o elo entre o som e o silêncio” e pensar nessa relação, permite que o indivíduo intrinsecamente perceba o mundo a sua volta.

Além da concentração na história, a atividade aguçou a criatividade das crianças quanto aos momentos dos sons, pois elas espontaneamente reproduziam sons do cotidiano conforme a história ia sendo contada. A atividade também era importantíssima por dois motivos: primeiro relacionado a um objetivo musical e comportamental, pois as crianças tiveram uma melhor noção do que é silêncio e da importância dele em momentos específicos; e em segundo lugar porque tratava diretamente sobre inclusão e respeito à uma deficiência, coisa que as crianças demonstraram desconhecer, pelo menos se tratando de surdez.

No segundo dia, após o ensaio, o professor pediu que as crianças retirassem os calçados e fossem para o tatame. Nele, as crianças deveriam ficar de pé e formar um círculo com as mãos para trás e, enquanto ele tocava algumas músicas no piano, elas deveriam caminhar em círculo conforme o andamento da música, rápido ou lento. Esse tipo de atividade nos remete ao sistema Dalcroze de ensino musical, que toma como ponto de partida a relação entre movimentação corporal e ritmo, buscando-se estimular a escuta, a concentração, a sensibilidade motora, o sentido rítmico e a expressão (FONTERRADA, 2008).

Na aula 3, durante o ensaio houve uma música nova, ela iniciava com um grande melisma, que na linha melódica fazia um desenho de descida e depois subia. Ludicamente o professor representou a descida como se fosse uma montanha russa, e cantava fazendo os gestos com a mão, as crianças o repetiam, na parte da subida, ele comparava com uma escada, e fazia os gestos com as mãos também. “Na musicalização o lúdico caminha lado a lado com a música” (GOHN e STAVRACAS, 2010, p. 89). Somente depois de cantar a melodia é que o professor falou a letra devagar, utilizando o “jogo do espelho”.

Depois do ensaio, houve a apresentação de um instrumento para as crianças por um dos estagiários. Enquanto ela montava a flauta, ia conversando com as crianças enquanto demonstrava as partes da flauta. No momento de soprar, a estagiária pediu para que as

crianças soprassem juntas como se fosse necessário o ar das crianças para ser possível tirar o som da flauta. A estagiária tocou uma peça e as crianças observaram com bastante atenção. Após a peça, ela tocou a música nova que as crianças haviam conhecido mais cedo para ajudar na memorização dela e também para ouvirem como a melodia ficava em outro timbre. Depois de tocar sozinha, ela tocou a mesma música junto ao piano, junto à voz do professor e por último junto às crianças, variando assim as combinações dos timbres. Um detalhe importante de se destacar foi que, no momento em que se tocou a flauta junto ao piano, a afinação da flauta estava um pouco fora, e uma das crianças percebeu de imediato isso, algo incomum para a idade, mostrando que essa criança especificamente tem um grande potencial auditivo e isso pode ser um diferencial para um melhor desenvolvimento musical.

A utilização de instrumentos é um recurso que possibilita diversas atividades, em uma delas o professor distribuiu instrumentos percussivos para as crianças por naipes, ele demonstrou como tocava cada um e depois pediu que elas o acompanhassem enquanto ele tocava no piano músicas que faziam parte do repertório delas, depois ele as desafiou a tocarem e cantarem simultaneamente. No momento de guardar os instrumentos, o professor os direcionou devagar um por um, para que eles aprendam a ter responsabilidade com seus materiais.

Além de instrumentos, outros recursos também foram utilizados, como os *emojis*¹ do WhatsApp. Nessa atividade, o professor levou vários *emojis* recortados como se fossem plaquinhas e, junto às crianças, foram definidas a representação de cada um em relação aos sentimentos. Depois disso, o professor os espalhou na mesa e deu uma folha com seis quadros, sendo que para cada quadro o professor tocava uma música no piano e as crianças deveriam escolher o que combinava melhor com cada música e o desenhar nos quadros. A maioria das crianças acabava escolhendo *emojis* semelhantes por coincidência, mostrando que a música geralmente transpassa um sentimento comum a todos. Em determinado momento, uma criança escolheu dois *emojis* para uma música e quando o professor indagou o porquê de ele ter escolhido dois, ele respondeu que no início da música ele sentiu um

¹ Emoji é de origem japonesa, composta pela junção dos elementos e (imagem) e moji (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/emoji/>> Acesso em: 29/09/2018.

sentimento, e depois outro, o professor não pode dizer que ele estava errado, pois foi uma percepção do aluno, porém depois disso o professor pediu que as crianças sempre escolhessem somente um. Durante a atividade as crianças pegavam as plaquinhas com os *emojis* e separavam como se fossem deles, porém era sempre chamada a atenção de que eles eram de todos, portanto deveriam ficar em cima da mesa para que todos vissem, ensinando as crianças a dividir, partilhar, que para Delors (2010) seria o aprender a viver juntos, um dos quatro pilares da educação, que presa pelo desenvolvimento da compreensão do outro e a percepção das interdependências através de projetos comuns.

As atividades no tatame eram sempre o momento de utilizar o corpo. Em uma delas o professor pediu para os estagiários dançarem uma valsa enquanto ele tocava no piano e as crianças observavam sentadas. Após observarem, foi a vez das crianças valsarem sozinhas e depois em pares. Essa atividade permitiu que as crianças conseguissem sentir o ritmo da valsa utilizando o corpo, novamente um princípio do educador Dalcroze, que une a música ao movimento e ao corpo.

Sempre ao final das atividades, todos os dias havia o momento de desenho, em que as crianças pintavam alguma figura relacionada à atividade que tinha sido realizada. Durante os momentos de desenho, muitas vezes as crianças cantavam as músicas que haviam sido ensaiadas naquele dia. Além disso, o compartilhar dos lápis era sempre um aprendizado de como conviver.

Ensino Fundamental I

O ensino fundamental é um período de transformações das crianças, compreende a fase de letramento, em que as crianças estão ganhando mais autonomia, entendimento de si e do mundo. As turmas observadas foram o 4º e o 5º ano do fundamental em turmas com faixa de 10 a 20 alunos por sala e duravam cerca de 1h40.

A partir do ensino fundamental, as crianças têm a prática de um instrumento musical nas aulas, que no caso dessas turmas, é a flauta doce, por ser um instrumento de fácil acesso e com rico potencial artístico e didático, e que muitas vezes acaba sendo “limitado ao estágio

inicial da musicalização e à alfabetização musical, até que o estudante aprenda um “instrumento de verdade” (CUERVO, 2009 p. 18).

Na primeira aula observada, os alunos estavam se preparando para uma apresentação que ocorreria na semana seguinte e seria a despedida do professor anterior de música. Apresentações são momentos em que os alunos mostram o que foi aprendido durante as aulas, porém é algo que em grande frequência pode ser prejudicial, pois não possibilita um verdadeiro fazer musical, somente uma reprodução mecânica.

A notação musical era feita com os nomes das notas escritas por extenso, divididas por frases, sendo diferenciadas entre maiúsculas e minúsculas quando ocorria o encontro de duas notas com o mesmo nome, mas que, possuíam alturas diferentes. Os únicos símbolos da notação convencional utilizados eram os de pausas e os de repetição, bem como os sustenidos e bemóis. “Entendemos que a escrita não convencional, seja ela gráfica, por roteiro ou analogia, deve permear o processo de desenvolvimento musical” (CUERVO, PEDRINI, 2010, p.57). O ritmo da música era cantado pela professora, as crianças ouviam, cantavam junto e então tocavam na flauta.

As músicas eram executadas em andamentos lentos que iam se acelerando conforme as crianças sentiam o domínio da peça no instrumento. A professora geralmente dividia a sala em grupos menores para assim poder observar os alunos individualmente.

Na segunda semana, houve a apresentação dos alunos no auditório da escola, as turmas se juntaram, formando um grande grupo de flautas. Segundo Cuervo (2009, p. 130) “podemos considerar a performance de palco como um motivo impulsionador de estudo e engajamento, que envolve familiares, amigos, colegas e até estranhos na preparação e como expectadores na plateia”. Muitos pais foram prestigiar os filhos, o que é algo importante para o desenvolvimento das crianças. Alguns pais deram depoimentos de que a música tem ajudado no desenvolvimento dos seus filhos, e agradeceram aos professores pelo trabalho realizado na escola.

Na terceira semana, a professora havia viajado, porém os alunos ficariam com outros professores de artes durante esse período. Em um dos dias, as crianças estavam sozinhas sem a monitoração de um professor. Como as crianças estavam simplesmente tocando as músicas

que já conheciam, então a estagiária decidiu fazer uma pequena atividade com as crianças.

A estagiária apresentou às crianças o *manossolfa*, que é a representação em gestos das notas musicais. A estagiária fazia os gestos e as crianças tocavam as respectivas notas na flauta doce, isso exigia a atenção e concentração das crianças. O grupo de notas utilizadas ia aumentando gradativamente, assim como a velocidade dos gestos. Por fim as crianças tinham o domínio de cinco notas, a escala pentatônica de Dó. A partir desta escala a estagiária criou com as crianças um pequeno discurso musical, e depois propôs às crianças que formassem grupos e criassem trechos musicais que depois seriam executados em sala como se fossem apresentações.

Segundo Gohn e Stavracas (2010) criatividade dos alunos é algo que deve ser sempre incentivada, afinal a ação de criar é algo da própria natureza humana, dessa forma, propor a criação permite que os alunos utilizem suas reflexões e conhecimentos de mundo de forma autônoma, ao invés de sempre dar coisas prontas aos alunos.

Na metade da aula o professor de ensino infantil chegou e auxiliou a estagiária na atividade. Os grupos foram orientados e como em cada grupo havia um aluno sem flauta, foi dado a ele a função de ser o regente no momento da apresentação. Na apresentação os grupos tiveram que passar por todo o ritual de entrada e agradecimentos, sendo educados para as futuras apresentações fora de sala. Para Cuervo e Pedrini (2010), a performance nas aulas de música deve ser um recurso de desenvolvimento da musicalidade de forma mais ampla do que geralmente é utilizada.

Na quarta semana a professora iniciou um novo repertório para as duas turmas já com o objetivo de prepará-los para a apresentação que ocorreria no final do ano. As mesmas músicas foram passadas para as duas turmas, porém para a turma do quarto ano, a música tinha um alto grau de dificuldade, pois nela havia uma nota que os alunos ainda não tinham o domínio de execução na flauta doce. A música era conhecida por todos os alunos, Jingle Bells, porém ela tinha uma introdução desconhecida. A professora solfejou a música junto com os alunos e depois tocaram na flauta doce, primeiro em um andamento bem lento que foi acelerando gradualmente, então a turma foi dividida em grupos menores para se observar os alunos individualmente.

No momento em que cada grupo tocava, os outros deveriam ficar em silêncio, porém aconteceu algo inesperado, uma menina estava tocando com muita dificuldade em seu grupo, a outra menina ao lado que não pertencia ao mesmo grupo tentava ajudá-la, mas ao invés disso acabou a desconcentrando e atrapalhando. Nesse momento, a menina parou de tocar e começou a chorar, foi uma situação embaraçosa para a criança, então a professora utilizou a situação para explicar aos alunos que cada um tem um ritmo de aprendizado, e que se deve sempre respeitar os colegas.

Além da flauta doce, também foi utilizado o canto com as crianças. A professora fazia alguns exercícios vocais com as crianças antes de cantar, para que as mesmas se sentissem mais à vontade. A professora utilizava de uma caixinha de som para reproduzir a música e pedia para que as crianças somente ouvissem a melodia e acompanhassem com a letra que ela havia entregado. Depois de ouvir a música, ela pediu que as crianças tentassem cantar juntas ao áudio. Assim como a metodologia utilizada com a flauta doce, a professora dividia a sala em grupos menores para observar individualmente os alunos.

Considerações Finais

Na Educação Infantil, a principal dificuldade sem dúvida é manter as crianças concentradas e ativas na proposta da aula. Para isso, o professor mostrou que é preciso mantê-las ocupadas o tempo todo e sempre propondo diferentes atividades durante uma mesma aula. Além do mais, é preciso salientar que as crianças dessa idade ainda não compreendem plenamente noções básicas de convívio social, então é preciso contê-las e lembrá-las dessas coisas sempre que possível.

No Ensino Fundamental duas dificuldades eram muito presentes: questões atitudinais e de comportamento, e conseguir lidar com o tempo de aprendizado de cada aluno. Essa segunda questão é muito presente pois há muitos alunos em uma turma, e cada um deles tem um ritmo e um interesse próprio. Duas coisas foram feitas para lidar com isto: uma é fazer com que os que têm um desenvolvimento mais rápido ajudem os que precisam de mais tempo, e a outra é tentar ter um acompanhamento mais próximo em relação aos que apresentam mais dificuldades, ajudando-os sempre que possível.

Foi perceptível que a infraestrutura da escola colaborou para um local mais propício para com as atividades musicais, através dos espaços e materiais que a maioria das escolas básicas de ensino regular não possuem, além dos profissionais qualificados e da boa relação entre a escola e comunidade.

Como esperado e já justificado, o Estágio Supervisionado se mostrou uma experiência valiosíssima para o nosso crescimento enquanto profissionais da educação. O processo continuado deve existir para que essa experiência se torne ainda mais rica e atinja o objetivo central de toda essa discussão: a melhor preparação dos educadores - nesse caso musicais - para o exercício da profissão.

Referências

- BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 setembro 2008, Seção I, p. 3.
- BONA, Melita. *A formação do professor de música e o estágio*. Santa Catarina: Revista Nupearte, Vol 11, 2013.
- CUERVO, Luciane. *Musicalidade na performance com a flauta doce*. Dissertação (Mestrado em Educação)– Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2009.
- CUERVO, Luciane; PEDRINI, Juliana. *Flauteando e criando: experiências e reflexões sobre criatividade na aula de música; Música na educação básica*. Associação Brasileira de Educação Musical. – vol.1, n.1 (anual 2009 - ____). – Porto Alegre: 2009.
- DELORS, Jacques. *Educação. Um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre a educação para o séc. XXI. Brasília: 2010.
- FONTEERRADA, Marisa T. de Oliveira. *De tramas a fios*. Um ensaio sobre música e educação. 2. Ed. São Paulo: Editora Unesp. 2008.
- GOHN, Maria da Glória; STAVRACAS, Isa. *O Papel da Música na Educação Infantil*. EccoS Revista Científica, vol. 12, núm. 2. Universidade Nove de Julho São Paulo, 2010. p. 85-103
- JOLY, Ilza Zenker Leme. *Educação e Educação Musical: Conhecimentos para compreender a criança e as suas relações com a música*. In: HENTSCHKE, Liane; DEL-BEN, Luciana (org.). *Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003. p.113-125.
- KATER, Carlos. *Por que música na escola?: Algumas reflexões; A música na Escola*, São Paulo: 2010.